



Amoris

SOBRE O AMOR NA FAMÍLIA

Laetitia

Altirez dos Santos

CAPÍTULO III

“O olhar fixo em Jesus: a vocação da família”



A FAMÍLIA DEVE SER O
LUGAR DO
querigma.



Jesus recupera e realiza plenamente o projeto divino

**O matrimônio é um dom do Senhor
(1 Cor 7, 7).**



Embora muitas famílias permaneçam como **rascunhos** dos lindos projetos que poderiam ser, “por causa da dureza do vosso coração” (Mt 19, 8), elas são ou deveriam ser uma imagem da Trindade.





Jesus restaura a alegria e paz das famílias que ele conhece a partir de cada pessoa individual, como a mulher samaritana (Jo 4, 1-30) e a adúltera (Jo 8, 1-11). Elas lembram que o que somos também é resultado da família que temos.



Jesus veio de uma família. Ele sabia que cada família, mesmo na sua fragilidade, pode tornar-se uma luz na escuridão do mundo.





O Concílio Ecumênico Vaticano II ocupou-se, na Constituição pastoral **Gaudium et spes**, da promoção da dignidade do matrimônio e da família (nn. 47-52). «Definiu o matrimônio como comunidade de vida e amor (n. 48), colocando o amor no centro da família (...). O “verdadeiro amor entre marido e mulher” implica a mútua doação de si mesmo, inclui e integra a dimensão sexual e a afetividade, correspondendo ao desígnio divino (n. 49).



A família nos documentos da Igreja



Igreja doméstica (**Lumen gentium, 11**)



Família como geradora da vida
Encíclica **Humanae vitae**, São Paulo VI





Família, Caminho da Igreja
Carta às famílias **Gratissimam sane** e **Exortação**
apostólica Familiaris consortio, de S. João Paulo II





Verdade do amor entre o homem e a mulher, na
Encíclica Deus caritas est, de Bento XVI

Além disso, na **Encíclica Caritas in veritate**, destaca a importância do amor como princípio devida na sociedade (n. 44), lugar onde se aprende a experiência do bem comum.





Na família humana, reunida em Cristo, é restaurada a “imagem e semelhança” da Santíssima Trindade (Gn 1, 26), mistério de onde brota todo o amor verdadeiro.

O sacramento do matrimônio é um dom para a santificação e a salvação dos esposos. O matrimônio é uma vocação, por isso, a decisão de se casar e formar uma família deve ser fruto de um **discernimento vocacional.**



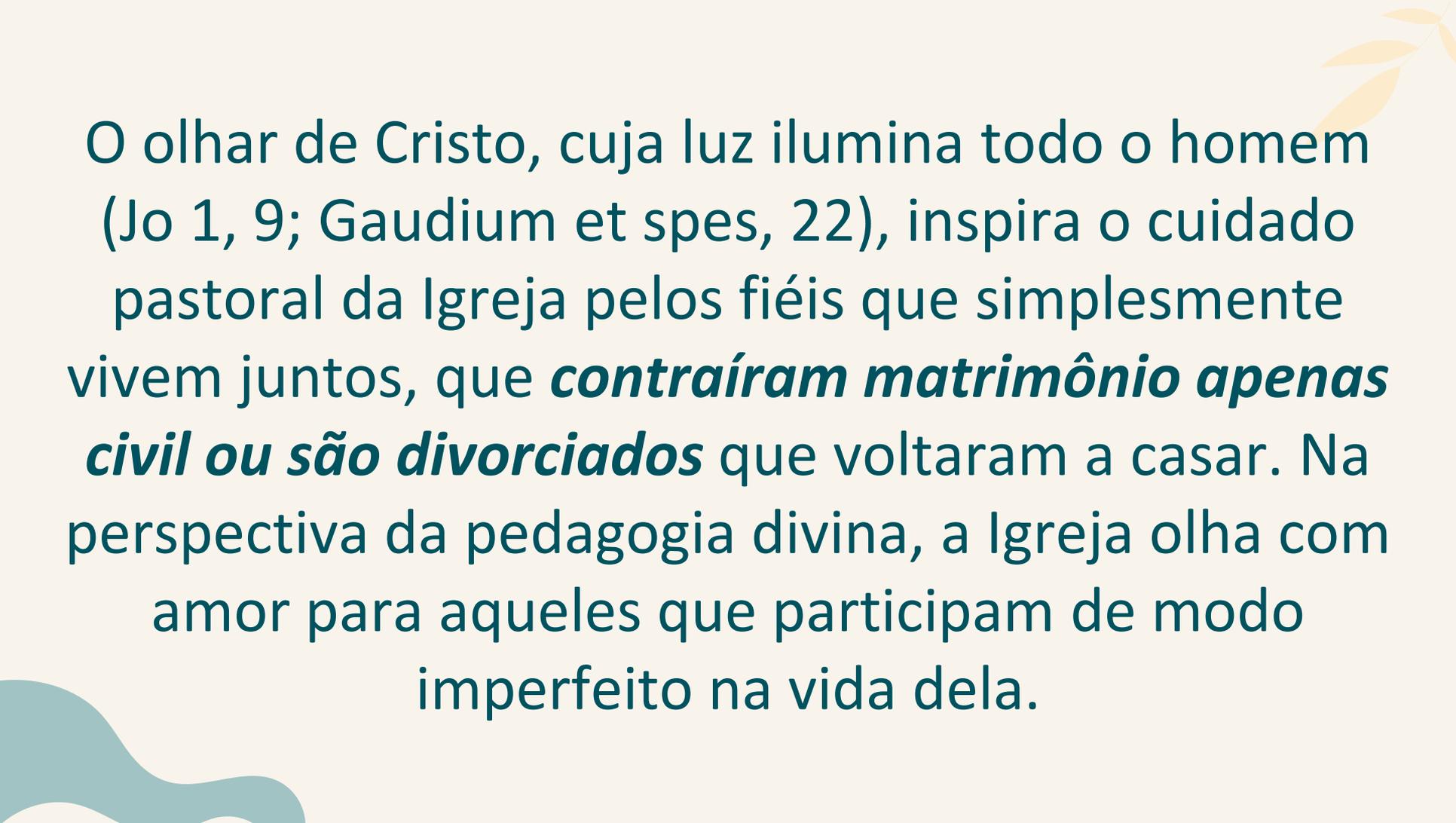


Sementes do Verbo e Situações imperfeitas



A família possui em si, aspectos que podem ser ainda desenvolvidos e levados à perfeição. É missão da Igreja ajudá-la neste sentido. Elas não podem ficar “jogadas”.



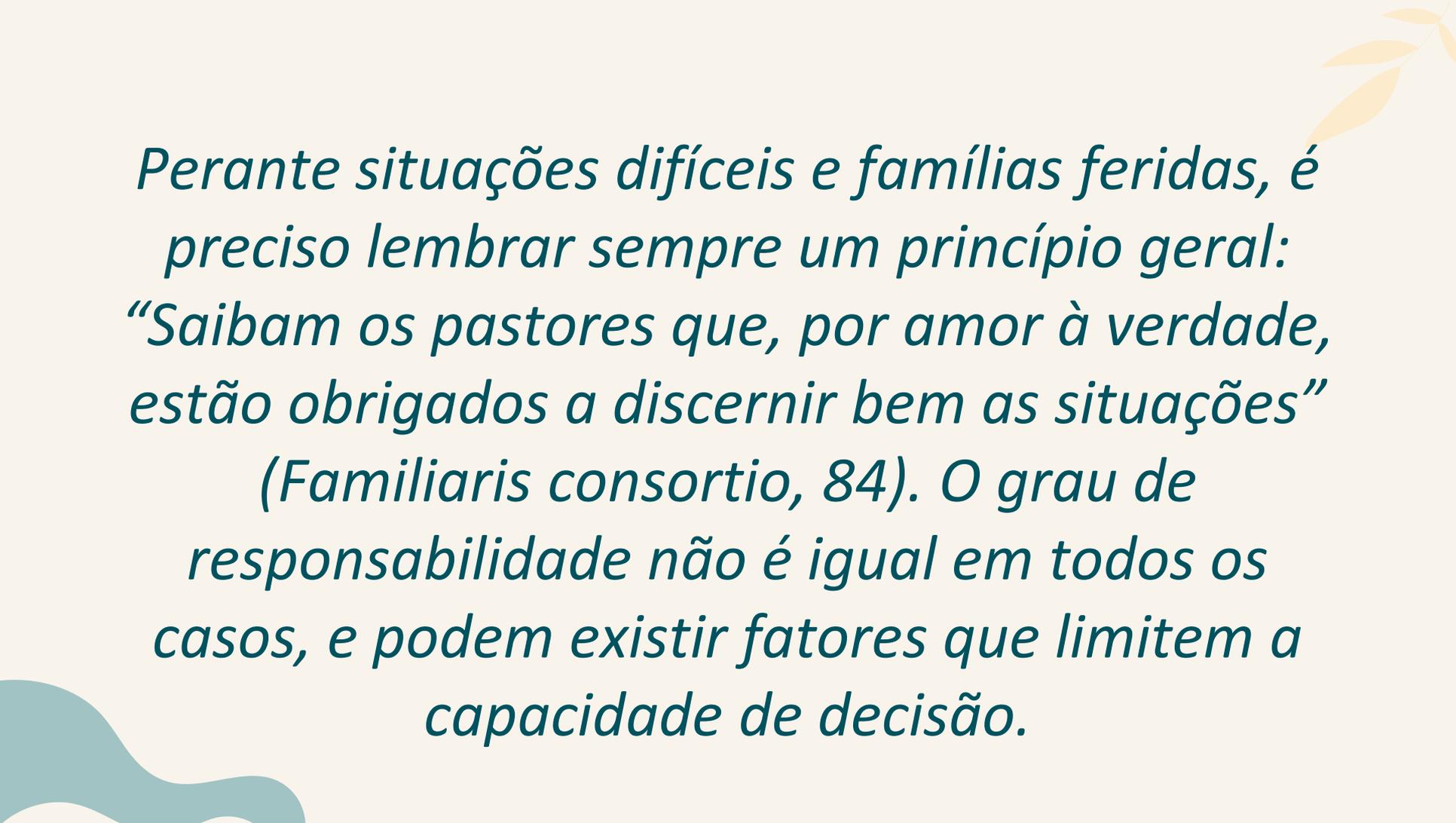


O olhar de Cristo, cuja luz ilumina todo o homem (Jo 1, 9; Gaudium et spes, 22), inspira o cuidado pastoral da Igreja pelos fiéis que simplesmente vivem juntos, que ***contraíram matrimônio apenas civil ou são divorciados*** que voltaram a casar. Na perspectiva da pedagogia divina, a Igreja olha com amor para aqueles que participam de modo imperfeito na vida dela.



Quando a união alcança uma estabilidade notável por meio de um vínculo público – e se reveste de afeto profundo, responsabilidade pela prole, capacidade de superar as provações –, pode ser vista como uma oportunidade a encaminhar para o sacramento do matrimônio, sempre que este seja possível.





Perante situações difíceis e famílias feridas, é preciso lembrar sempre um princípio geral: “Saibam os pastores que, por amor à verdade, estão obrigados a discernir bem as situações” (Familiaris consortio, 84). O grau de responsabilidade não é igual em todos os casos, e podem existir fatores que limitem a capacidade de decisão.



Por isso, ao mesmo tempo que se exprime com clareza a doutrina, há que evitar juízos que não tenham em conta a complexidade das diferentes situações, e é preciso estar atentos ao modo como as pessoas vivem e sofrem por causa da sua condição.

A transmissão da vida e a educação dos filhos

Filhos não são **dívidas**,
mas sim **dádivas**. Os
métodos de regulação de
natalidade são parte das
dores do tempo e dos
desvios da cultura.





A escolha da adoção e do acolhimento também são formas de fecundidade. A rejeição da vida, tanto pelo aborto como pela pena de morte, são pecados gravíssimos.

A família e a escola



Infelizmente, «abriu-se uma fenda entre família e sociedade, entre família e escola; hoje, o pacto educativo quebrou-se; e, assim, a aliança educativa da sociedade com a família entrou em crise».





CAPÍTULO IV

“O amor no matrimônio”





A graça do sacramento do matrimônio destina-se, antes de mais nada, «a aperfeiçoar o amor dos cônjuges.



**Quem ama tem
paciência e não faz
maus tratos.**



**Quem ama, não sente
inveja ou desgosto pela
alegria do outro.**



**Quem ama, não é
arrogante e nem se
orgulha.**



Amabilidade



Amar é também tornar-se amável, significa que o amor não age rudemente, não atua de forma inconveniente, não se mostra duro no trato. Os seus modos, as suas palavras, os seus gestos são agradáveis; não são ásperos, nem rígidos.

Detesta fazer sofrer os outros.





**Quem ama,
demonstra.**



**Apenas ama quem
primeiro se ama.**



**Amar é recusar a
violência interior.**



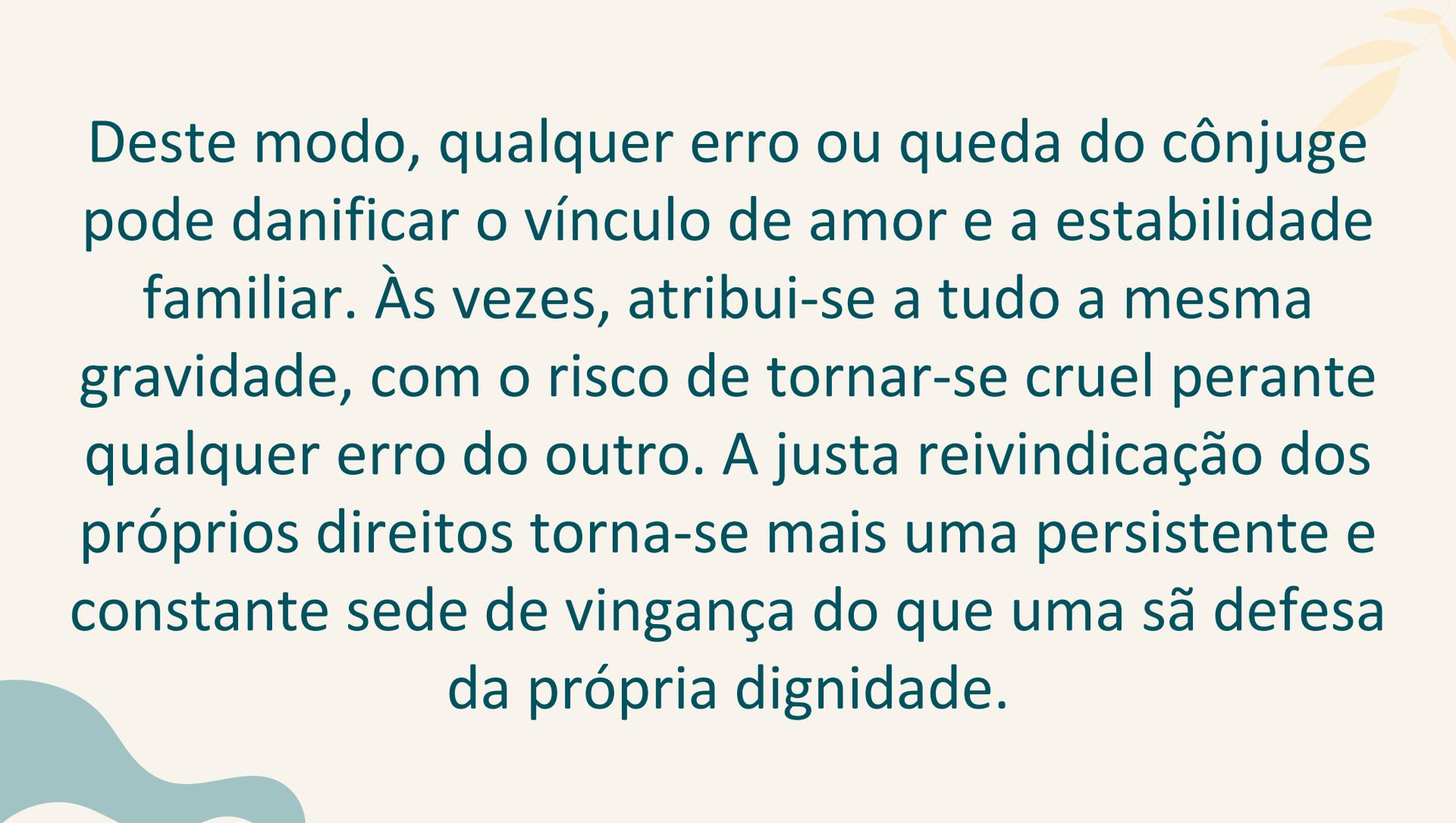
Por isso, nunca se deve terminar o dia sem fazer as pazes na família. A nossa reação interior perante algo que nos causam deveria ser, antes de mais nada, abençoar no coração, desejar o bem do outro, pedir a Deus que o liberte e cure.





Mau sentimento no
nosso íntimo se
transforma em
ressentimento no
coração. O contrário
disto é o **perdão**.





Deste modo, qualquer erro ou queda do cônjuge pode danificar o vínculo de amor e a estabilidade familiar. Às vezes, atribui-se a tudo a mesma gravidade, com o risco de tornar-se cruel perante qualquer erro do outro. A justa reivindicação dos próprios direitos torna-se mais uma persistente e constante sede de vingança do que uma sã defesa da própria dignidade.



Para poder perdoar, precisamos passar pela experiência libertadora de nos compreendermos e perdoarmos a nós mesmos, aceitar-se e saber conviver com as próprias limitações para poder ter esta mesma atitude com os outros.



Confia

Não é necessário controlar o outro, seguir minuciosamente os seus passos, para evitar que fuja dos meus braços.

Espera



O outro pode mudar e amadurecer. Mas também muita coisa não sairá como desejamos.



Tudo suporta



Manter-se firme em ambiente hostil. O amor não desiste, mesmo que tudo leve a isso.





Ódio por ódio só intensifica a existência do ódio e do mal no universo. Se eu te bato e tu me bates, e eu te devolvo a pancada e tu me devolves a pancada, e assim por diante... obviamente continua-se até ao infinito; simplesmente nunca termina. Em algum ponto, alguém deve ter um pouco de bom senso, e esta é a pessoa forte.



Alegria matrimonial



A alegria matrimonial pode ser vivida mesmo no meio do sofrimento, implica aceitar que o matrimônio é uma combinação necessária de alegrias e fadigas, de tensões e repouso, de sofrimentos e libertações, de satisfações e buscas, de aborrecimentos e prazeres, sempre no caminho da amizade que impele os esposos a cuidarem um do outro.



Beleza matrimonial



A beleza – o «valor sublime» do outro, que não coincide com os seus atrativos físicos ou psicológicos – permite-nos saborear o carácter sagrado da pessoa.

Na sociedade de consumo, o sentido estético empobrece-se e, assim, se apaga a alegria. Tudo se destina a ser comprado, possuído ou consumido, incluindo as pessoas.



Nem tudo está à venda.
A família é o maior exemplo.



Casar-se por amor



O matrimônio expressa a decisão real e efetiva de transformar dois caminhos num só, aconteça o que acontecer e contra todo e qualquer desafio. Pela seriedade de que se reveste este compromisso público de amor, não pode ser uma decisão precipitada; mas, pela mesma razão, também não pode ser adiado indefinidamente.





A recusa de assumir um tal compromisso é egoísta, interesseira, mesquinha; não consegue reconhecer os direitos do outro e não chega jamais a apresentá-lo à sociedade como digno de ser amado incondicionalmente. Aliás, aqueles que estão verdadeiramente enamorados tendem a manifestar aos outros o seu amor.



Amor que se manifesta e cresce



Na família, «é necessário usar três palavras: **com licença, obrigado, desculpa**. Nessa família existe paz e alegria. Não sejamos mesquinhos no uso destas palavras, sejamos generosos repetindo-as dia-a-dia, porque «pesam certos silêncios, às vezes mesmo em família, entre marido e mulher, entre pais e filhos, entre irmãos.





*O amor que não cresce, começa a correr perigo;
e só podemos crescer correspondendo à graça
divina com mais atos de amor, com atos de
carinho mais frequentes, mais intensos, mais
generosos, mais ternos e mais alegres.*





Não existem as famílias perfeitas que a publicidade falaciosa e consumista nos propõe. Nelas, não passam os anos, não existe a doença, a tribulação nem a morte. (...) A publicidade consumista mostra uma realidade ilusória que não tem nada a ver com a realidade que devem enfrentar no dia-a-dia os pais e as mães de família.



O diálogo



O diálogo é indispensável para viver, exprimir e maturar o amor na vida matrimonial e familiar. Mas requer uma longa e diligente aprendizagem. Homens e mulheres, adultos e jovens têm maneiras diversas de comunicar, usam linguagens diferentes, o modo de perguntar, a forma de responder, o tom usado, o momento escolhido e muitos outros fatores podem condicionar a comunicação.



É possível que, do meu pensamento e do pensamento do outro, possa surgir uma nova síntese que nos enriqueça a ambos.





É muito importante
não ter o desejo de
ganhar uma discussão
ou de ter razão.

O mundo das emoções

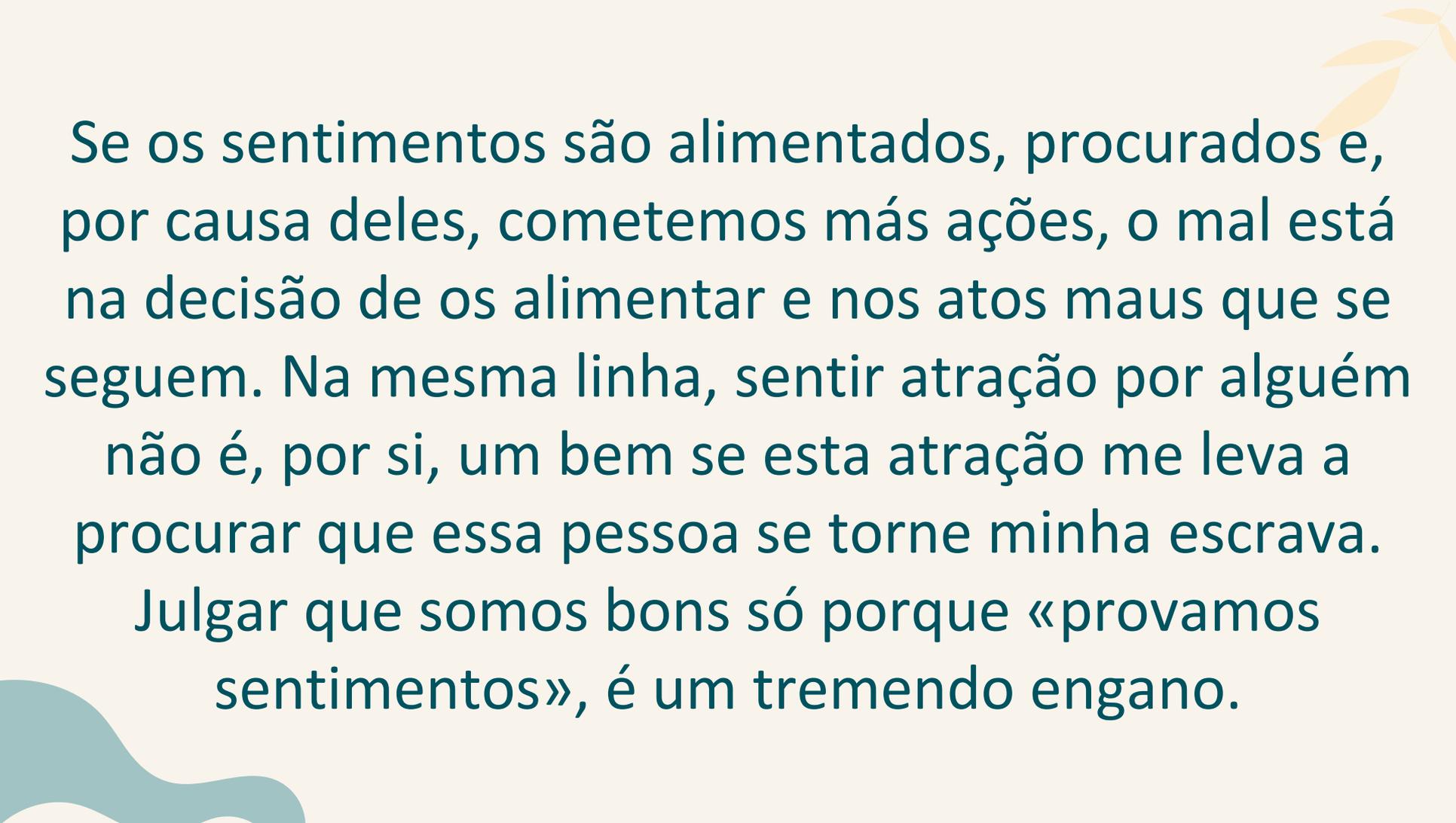
Desejos, sentimentos,
emoções ocupam um
lugar importante no
matrimônio.





Experimentar uma emoção não é, em si mesmo, algo moralmente bom nem mau. Começar a sentir desejo ou repulsa não é pecaminoso nem censurável. O que pode ser bom ou mau é o ato que a pessoa realiza movida ou sustentada por uma paixão.





Se os sentimentos são alimentados, procurados e, por causa deles, cometemos más ações, o mal está na decisão de os alimentar e nos atos maus que se seguem. Na mesma linha, sentir atração por alguém não é, por si, um bem se esta atração me leva a procurar que essa pessoa se torne minha escrava. Julgar que somos bons só porque «provamos sentimentos», é um tremendo engano.

Deus ama a alegria dos seus filhos



É necessária a educação da emotividade e do instinto e, para isso, às vezes torna-se indispensável impormo-nos algum limite. O excesso, o descontrole, a obsessão por um único tipo de prazer acabam por debilitar e combalir o próprio prazer e prejudicam a vida da família.



A dimensão erótica do amor



O próprio Deus criou a sexualidade, que é um presente maravilhoso para as suas criaturas. Quando se cultiva e evita o seu descontrole, fazemo-lo para impedir que se produza o «depauperamento de um valor autêntico». São João Paulo II rejeitou a ideia de que a doutrina da Igreja leve a «uma negação do valor do sexo humano» ou que o tolere simplesmente pela necessidade da procriação.



Nas suas catequeses sobre a teologia do corpo humano, São João Paulo II ensinou que a corporeidade sexuada «é não só fonte de fecundidade e de procriação», mas possui «a capacidade de exprimir o amor: exatamente aquele amor em que o homem-pessoa se torna dom». O erotismo mais saudável, embora esteja ligado a uma busca de prazer, supõe a admiração e, por isso, pode humanizar os impulsos.

Violência e manipulação



Muitas vezes a sexualidade se despersonaliza e enche de patologias, de modo que «se torna cada vez mais ocasião e instrumento de afirmação do próprio eu e de satisfação egoísta dos próprios desejos e instintos». Neste tempo a sexualidade corre grande risco de se ver dominada pelo espírito venenoso do «usa e joga fora».





Mesmo no matrimônio, a sexualidade pode tornar-se fonte de sofrimento e manipulação. Por isso, devemos reafirmar, claramente, que «um ato conjugal imposto ao próprio cônjuge, sem consideração pelas suas condições e pelos seus desejos legítimos, não é um verdadeiro ato de amor e nega, por isso mesmo, uma exigência de reta ordem moral, nas relações entre os esposos».





É importante deixar claro a rejeição de toda a forma de submissão sexual. Por isso, convém evitar toda a interpretação inadequada do texto da Carta aos Efésios, onde se pede que «as mulheres [sejam submissas] aos seus maridos» (Ef 5, 22).

São Paulo exprime-se em categorias culturais próprias daquela época; nós não devemos assumir esta roupagem cultural, mas a mensagem revelada que subjaz ao conjunto da perícópe.





Bento XVI era claro a este respeito: «Se o homem aspira a ser somente espírito e quer rejeitar a carne como uma herança apenas animalesca, então espírito e corpo perdem a sua dignidade». Por esta razão, «o homem também não pode viver exclusivamente no amor oblato, descendente. Não pode limitar-se sempre a dar, deve também receber. Quem quer dar amor, deve ele mesmo recebê-lo em dom.

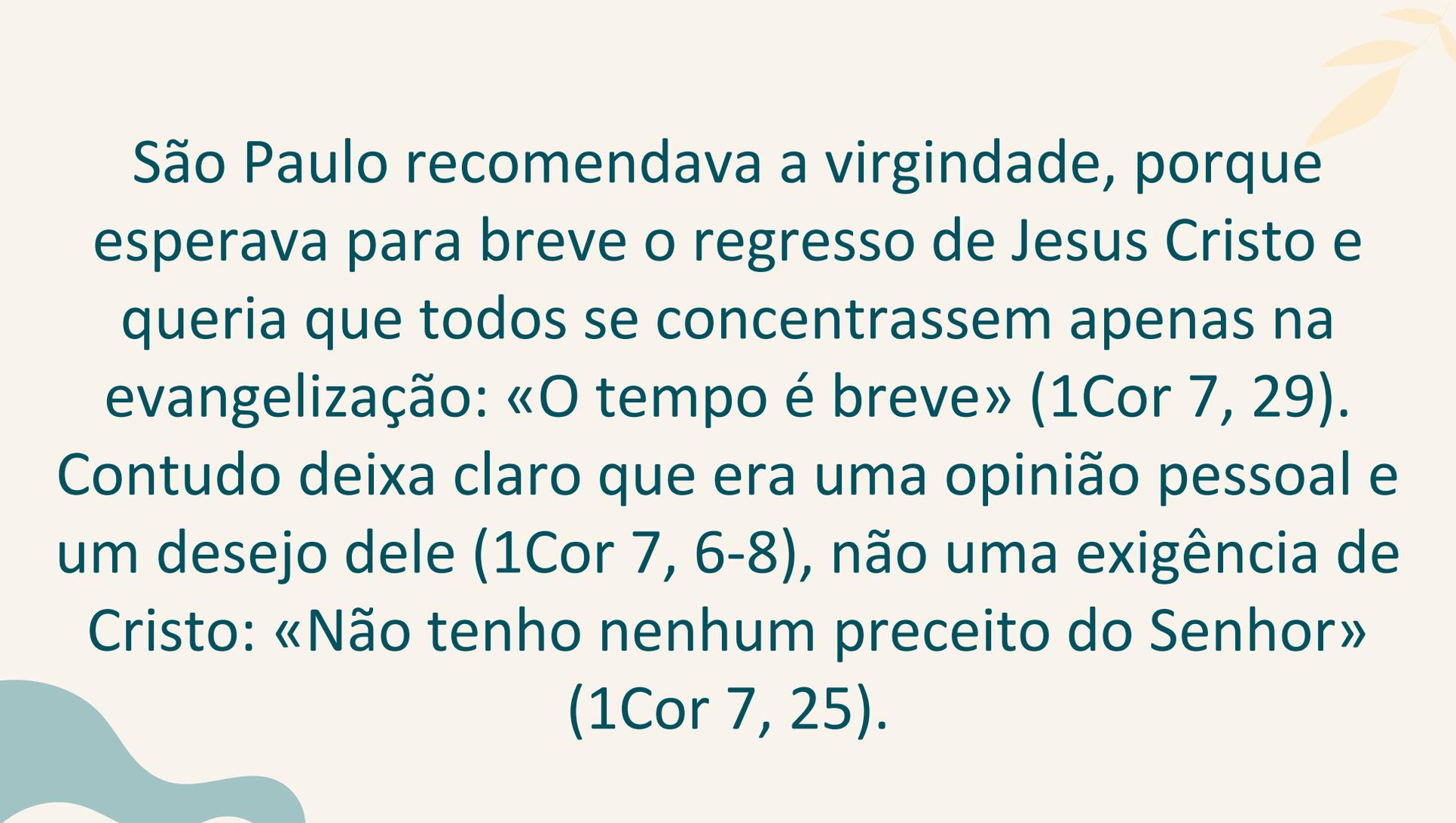


Matrimônio e virgindade

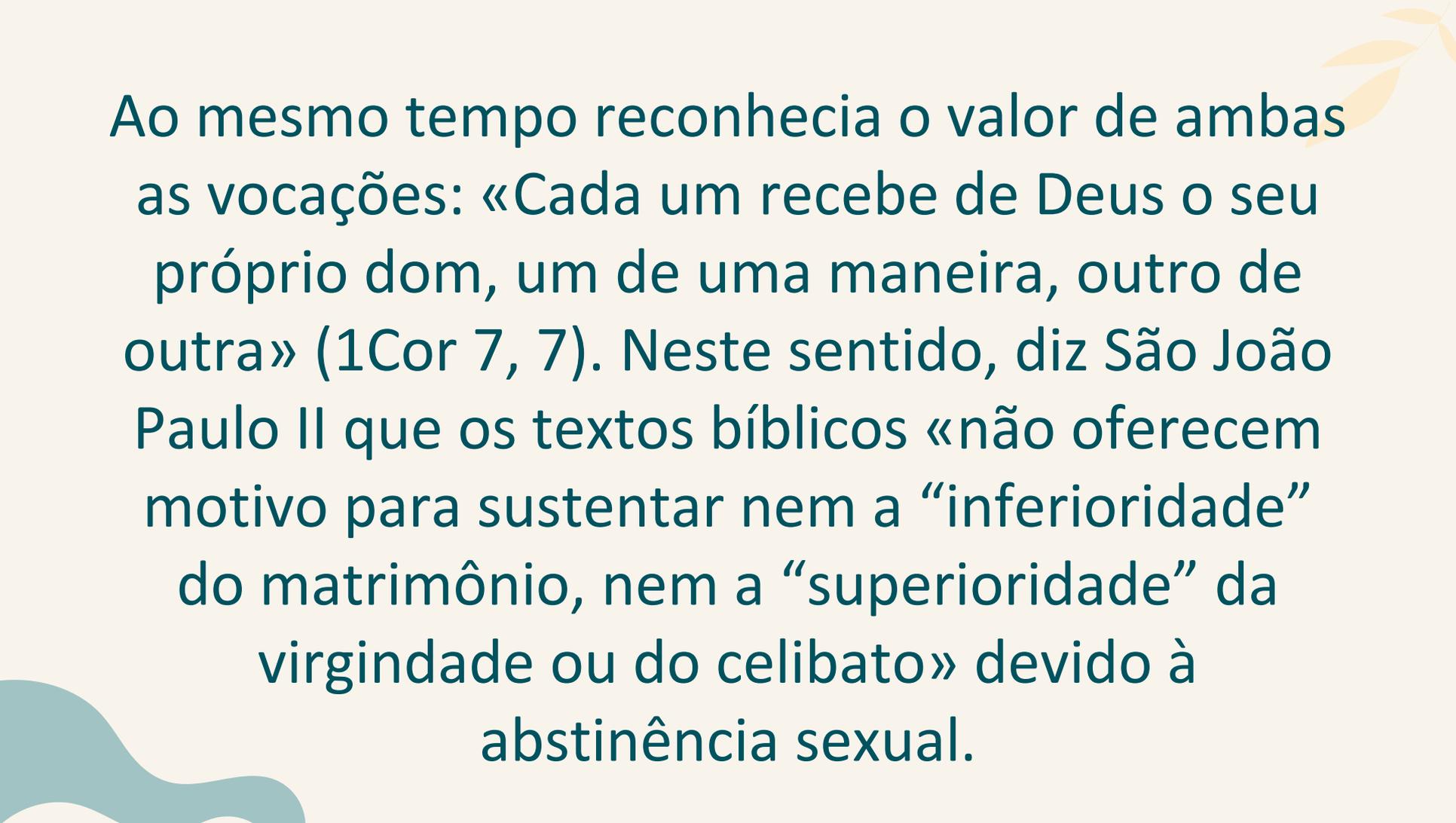


A virgindade é uma forma de amor. Como sinal, recorda-nos a solicitude pelo Reino, a urgência de entregar-se sem reservas ao serviço da evangelização (1Cor 7, 32) e é um reflexo da plenitude do Céu, onde «nem os homens terão mulheres, nem as mulheres, maridos» (Mt 22, 30).





São Paulo recomendava a virgindade, porque esperava para breve o regresso de Jesus Cristo e queria que todos se concentrassem apenas na evangelização: «O tempo é breve» (1Cor 7, 29). Contudo deixa claro que era uma opinião pessoal e um desejo dele (1Cor 7, 6-8), não uma exigência de Cristo: «Não tenho nenhum preceito do Senhor» (1Cor 7, 25).



Ao mesmo tempo reconhecia o valor de ambas as vocações: «Cada um recebe de Deus o seu próprio dom, um de uma maneira, outro de outra» (1Cor 7, 7). Neste sentido, diz São João Paulo II que os textos bíblicos «não oferecem motivo para sustentar nem a “inferioridade” do matrimônio, nem a “superioridade” da virgindade ou do celibato» devido à abstinência sexual.

A transformação do amor

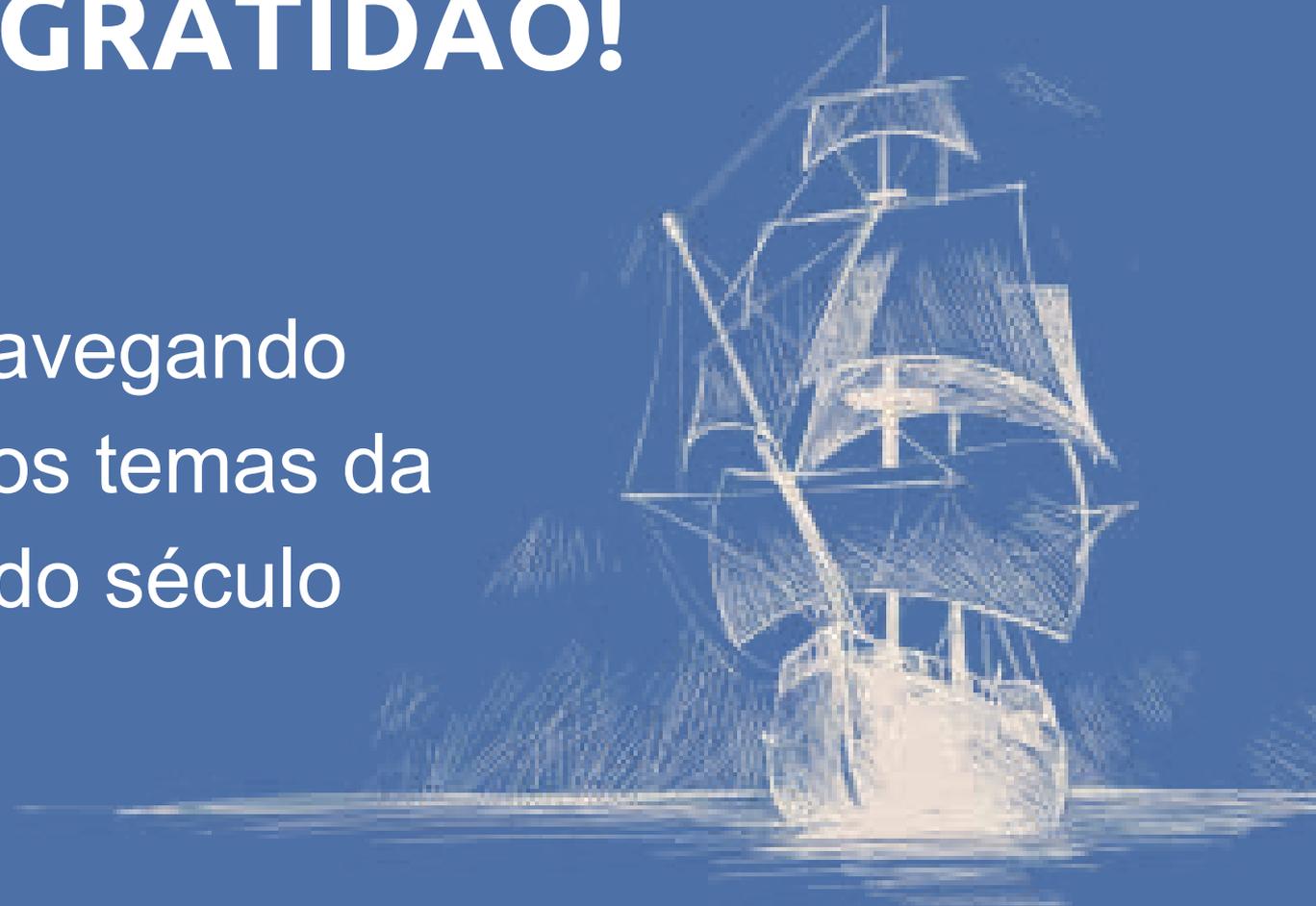


A relação íntima e a mútua pertença devem ser mantidas durante muitas décadas, e isto gera a necessidade de renovar repetidas vezes a recíproca escolha. Não é possível prometer que teremos os mesmos sentimentos durante a vida inteira; mas podemos ter um projeto comum estável, comprometer-nos a amar-nos e a viver unidos até que a morte nos separe, e viver sempre uma rica intimidade.



GRATIDÃO!

Continue navegando
comigo pelos temas da
catequese do século
XXI.



Conheça minhas outras iniciativas:

AltierrezDosSantos.com



***“Estou no meio de vós
como aquele que serve”
(Lc 22,27)***